

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”



Emancipação Socialista



(11) 95675-2133

Nº 20

15/08 a 14/09 de 2022

R\$ 2,00

PROPOSTAS SOCIALISTAS PARA ENFRENTAR A CRISE SOCIAL

UM PROGRAMA RADICAL PARA ACABAR COM A FOME E A MISÉRIA



2

7 DE SETEMBRO: UMA INDEPENDÊNCIA INCONCLUSA

3, 4 e 5

UM PROGRAMA DE RUPTURA COM O CAPITAL

7

PT: DE CLASSISTA E DE LUTA A UM GESTOR DO CAPITAL

Encarte

0 QUE É O DESEMPREGO

7 DE SETEMBRO: UMA INDEPENDÊNCIA INCONCLUSIVA

Nesses dois séculos de independência, a burguesia brasileira não foi capaz de construir uma Nação, de fato, independente política e economicamente. O que predomina é a sua subserviência aos países imperialistas.

ANTECIPA-SE PARA IMPEDIR QUE O POVO FAÇA

A dita independência política do Brasil, de 1822, foi mais um daqueles processos políticos comandados pelas classes dirigentes do país, que sempre buscam se antecipar para evitar as rebeliões populares. Aliás, essa é uma das principais características da história brasileira, na qual as classes dominantes sempre conseguiram manter o controle e a “solução” nos períodos de crise. Foi assim, por exemplo, com o fim (formal) do trabalho escravo, a Proclamação da República, o fim do Estado Novo e da Ditadura cívico-militar.

A Revolução negra no Haiti e os vários processos de Independência da América espanhola também forçaram a Coroa e a oligarquia brasileira a se anteciparem e “declarar” a Independência brasileira. Além de seus interesses em ampliar o comércio com outros países, como a Inglaterra, esse ato buscou evitar que o povo brasileiro se radicalizasse e, além da Independência, derrubasse a Monarquia e o trabalho escravo.

Assim, foi realizada a transição de forma controlada e sem mudanças estruturais pois, o regime continuou monárquico, o trabalho escravo continuou como a principal fonte da acumulação de capital e a grande propriedade rural se manteve intacta. Para entendermos os limites desse

processo, basta destacar que a Independência, na maioria dos países da América Latina, foi acompanhada da instauração da República.

A DEPENDÊNCIA ECONÔMICA COMO ENTRAVE PARA A VERDADEIRA INDEPENDÊNCIA

Podemos dizer, ainda que de forma limitada, que o Brasil se tornou um país soberano, mas, não economicamente.

O projeto econômico (que é um conceito político) implementado pela burguesia brasileira tem como base a dependência e subordinação em relação aos países imperialistas, isto é, no mercado mundial assume uma posição de submissão aos interesses dos países desenvolvidos.

O símbolo dessa dependência é o modelo agroexportador controlado pelo agronegócio voltado para o mercado mundial, enquanto o povo passa fome. Também têm exportações de minérios e de petróleo que são matérias-primas fundamentais para o desenvolvimento da economia, mas a burguesia brasileira se compromete com as economias imperialistas.

A consequência disso é o Brasil se manter numa condição de subdesenvolvimento estrutural e num ciclo vicioso no qual “dependência cria mais dependência”.

Assim, essa dependência implica também em menos autonomia e mais sujeição política, ou seja, pelos interesses econômicos em jogo a burguesia nacional e seus governos não enfrentam as burguesias dos países imperialistas.

Nessa “adesão” há conflitos de interesses com as burguesias imperialistas, mas a subordinação

estrutural faz a burguesia brasileira aceitar a condição de “sócia minoritária” e as imposições dos países ricos. Dessa forma, para manter ou aumentar sua lucratividade, impõe uma superexploração sobre a classe trabalhadora brasileira.

SÓ A CLASSE TRABALHADORA PODE GARANTIR A INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Nas relações econômicas, fonte de riquezas e interesses mais importantes, a burguesia brasileira se omitiu em construir um projeto autônomo e não é diferente no plano político.

Essa subserviência aparece, por exemplo, no alinhamento político internacional aos governos imperialistas nos golpes militares, na abertura do país aos interesses internacionais, etc. Muitas vezes, até tem discursos nacionalistas, mas abrem mão de construir uma Nação soberana e contribuem diretamente para escoar a riqueza produzida no Brasil para outros países, enquanto ficamos com as migalhas.

Nesse momento, por exemplo, podemos observar com as comemorações oficiais (Bolsonaro, Forças Armadas) que essa Independência é uma farsa. Bolsonaro bate continência para a bandeira dos Estados Unidos como capachos (desse e demais países imperialistas).

Na luta pela Independência nacional precisamos enfrentar também a burguesia nacional e seus governos, cúmplices do imperialismo, para colocarmos toda a riqueza produzida no país a serviço da população (contra a fome e por emprego) e para rompermos com essas bases econômicas.

Somente na luta, a classe trabalhadora pode enfrentar essa superexploração, realizar uma Independência de fato e, assim, construir uma Nação soberana que coloque os interesses do povo em primeiro lugar. Nessa luta, parte da luta pelo socialismo, enfrentaremos governos imperialistas e capitalistas para pôr fim em todas as suas formas de violência!



QUAL NOSSO OBJETIVO NAS ELEIÇÕES?

INTRODUÇÃO

A crise estrutural do capital aprofundou-se. A guerra entre Rússia e Ucrânia -uma disputa sobre commodities e mercados que também envolve a OTAN, a União Europeia e a China- é uma das expressões desse processo. Como consequência, assistimos o aumento do endividamento interno e externo dos Estados, alta de preços com a retomada da inflação, uma enorme crise social e dos baixíssimos índices de crescimento econômico que o Brasil tem apresentado nas últimas décadas.

São esses elementos que estão por trás das explosões populares recentes no Equador, no Sri Lanka, no Panamá, nas greves gerais dos ferroviários e metroviários na Grã-Bretanha e no processo que se desenha na Argentina (com uma inflação em 2022 já de 54%).

E por aqui, a situação está muito complicada, com famintos, desempregados, violência policial e miliciana, problemas de moradia, falta de serviços públicos, enfim, um caldeirão que pode explodir a qualquer momento.

A classe dominante brasileira -que tem como característica se antecipar às crises- procura canalizar esta crise para as ilusões nas eleições e assim desviar a atenção do povo com as várias promessas que aparecem nesse período.

Ao mesmo tempo, sob o governo Bolsonaro, a burguesia brasileira jogou sobre as costas da classe trabalhadora o peso dessa crise, como foi no caso da aprovação da Reforma Previdenciária (2019),

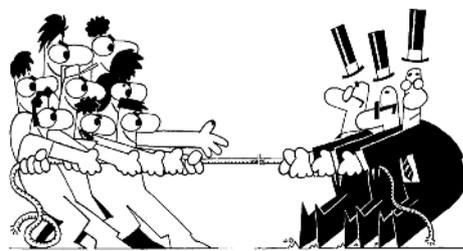
as privatizações e a permissão para a terceirização de todas as atividades. Se aproveitaram da pandemia para "passar a boiada" no meio ambiente, aumentou a precarização do trabalho, do desemprego e do exército de miseráveis com o crescimento dos sem-teto e pessoas em situação de rua. Segundo o IPEA, em 2020, essa população era de mais de 220 mil pessoas. Certamente essa situação piorou e muito com a pandemia.

As privatizações continuaram como no exemplo recente da Eletrobrás e o ataque ao meio ambiente deu um salto de qualidade beneficiando o agronegócio, as mineradoras e as madeiras.

OS OBJETIVOS DA BURGUESIA E DOS REVOLUCIONÁRIOS NAS ELEIÇÕES

Para manter a continuidade desse processo de superexploração da classe trabalhadora e o país se manter como economia dependente, nessas eleições, a burguesia se divide em dois campos: o primeiro, que apoia o atual governo Bolsonaro e responde a um setor minoritário da burguesia (os já citados agronegócio, mineradoras, madeiras, setores do varejo como Havan, Riachuelo, Mercado da Fé e indústria de armas), setores da pequena-burguesia radicalizada que busca saídas fascistas para o país e ao "lumpesinato" organizado, principalmente os milicianos.

O segundo campo é a "Frente Ampla", encabeçada por Lula e pelo PT, com o PC do B, PSOL e PSB, que agrega alguns burgueses industriais, banqueiros, "elites" estaduais principalmente no Nordeste, partidos e políticos da direita (Alckmin, Renan Calheiros, os Maias no Rio



de Janeiro, etc). Ainda que existem diferenças importantes no varejo, no atacado, são partes da gestão do capital no Brasil e mantém, também cada uma a sua maneira, o modelo de submissão do país ao capital financeiro internacional, chefiado pelas grandes potências imperialistas. Também tem a candidatura do PDT, Ciro Gomes, apoiado por setores burgueses ainda mais minoritários e que ensaia um arremedo de um discurso nacionalista burguês, mas que também não toca na questão da dívida pública.

Ao contrário das candidaturas burguesas, os revolucionários atuam no processo eleitoral para denunciar as falsas promessas, os partidos e candidatos burgueses que aparecem para enganar o povo. Também está nos nossos objetivos ajudar a desenvolver uma consciência socialista entre os trabalhadores para compreenderem que só a luta pode mudar a vida.

Nesse texto procuramos apresentar algumas das reivindicações econômicas (reforma agrária, aumento de salários, não pagar a dívida, salário-mínimo do DIEESE, etc) como propostas aos trabalhadores uma solução aos problemas sociais pelos quais passamos, mas também alertamos que nada conseguiremos com eleições. Só a Revolução Socialista com a superação do sistema capitalista e dos governos burgueses é que teremos conquistas reais.

UM PROGRAMA DE RUPTURA COM O CAPITAL

Em ano eleitoral aparece todo tipo de candidato demagogo, fazendo promessas, de que são melhores administradores, que lutam pelo povo, etc. Passou a eleição, esquecem as promessas feitas ao povo e, como representantes de grupos capitalistas (agronegócio, armas, bancos, etc),

vão defender os ricos. São raras as exceções e ainda assim ficam limitados pelo próprio sistema.

Como dissemos acima, as propostas que nós socialistas revolucionários apresentamos, tem por objetivo mostrar as causas reais dos problemas sociais - que é a



exploração capitalista- e o que seria necessário fazer para resolvê-los. Também sabemos que não realizáveis no parlamento, pois todas elas atacam os privilégios dos ricos e poderosos. É aí que entra o socialismo.

NÃO PAGAR A DÍVIDA PÚBLICA PARA TER SAÚDE, EDUCAÇÃO E TRANSPORTES PÚBLICOS E DE QUALIDADE

A dívida pública (externa e interna) é o principal mecanismo da burguesia – principalmente a financeira- ficar com grandes quantias de dinheiro arrecadado com impostos. Todos os anos quase 50% do orçamento se destina a esse pagamento, uma verdadeira sangria do dinheiro público. Enquanto o trabalhador ou sua família ficam sem escola, sem hospital ou sem um lugar para morar, os banqueiros e os agiotas lucram bilhões e mais bilhões todos os anos.

Para reverter isso, é preciso deixar de pagar a dívida pública que, aliás, já foi paga várias vezes. Como se vê, a questão da dívida pública é central e os principais candidatos dos partidos burgueses nem toca no assunto, pois mexer com a dívida é mexer com os interesses dos financiadores de suas campanhas. O Estado brasileiro (executivo, parlamento e Judiciário) também está comprometido com o pagamento da dívida e adotam todo tipo de medidas para manter esse compromisso. Podemos citar a destinação dos lucros das estatais para o pagamento da dívida, o teto dos gastos públicos (congelando esses gastos até 2036), o controle sobre o orçamento federal, entre outros.

Só rompendo com o sistema da dívida será possível grandes investimentos nos sistemas de educação, saúde e transportes públicos beneficiando milhões e milhões de pessoas.

ESTATIZAÇÃO DO SISTEMA FINANCEIRO, SOB CONTROLE DOS TRABALHADORES

No atual estágio do capitalismo, o sistema financeiro (bancos, fundos de pensão, etc.) é a fração mais importante do capital e quem na prática tem o controle real da



economia mundial. Eles também tem o controle do Estado com vários mecanismos como a compra de títulos da dívida pública.

A estatização do sistema financeiro além de garantir o financiamento de projetos como produção agrícola e programas de moradia, também é fundamental para minar esse poder político e econômico, garantindo a aplicação de medidas econômicas que favoreçam a classe trabalhadora.

UM PLANO DE ESTATIZAÇÃO, SOB CONTROLE DOS TRABALHADORES

Pela estatização de todas as empresas de saneamento, telefonia, água e energia: As privatizações têm feito aumentar as tarifas e piorar os serviços como no caso das Operadoras de telefone. Além disso, só atendem as áreas que geram lucros e a maioria das empresas são multinacionais.

A estatização (e reestatização das que foram privatizadas) permite investimentos de acordo com a necessidade, maior acesso e qualidade aos serviços públicos, geração de empregos e melhora nas condições de vida da população. O controle dos trabalhadores é fundamental, principalmente para varrer os corruptos (e corruptores) que desviam bilhões para seus bolsos, para políticos e empresários. De imediato é necessário barrar a venda de ativos, que é a privatização fatiada da empresa.

REFORMA AGRÁRIA SOB CONTROLE DOS TRABALHADORES! FIM DO LATIFÚNDIO E DO AGRONEGÓCIO

O Brasil tem uma das maiores produções de grãos do mundo. Mas, essa produção está destinada às exportações para gerar lucros para o agronegócio e os latifundiários, enquanto mais de 33 milhões de pessoas passam fome. Outro

problema desse modelo é a utilização de agrotóxicos em larga escala, que polui os rios, adoecendo pessoas, causando problemas reprodutivos, alteração imunológica, etc.

Também é preciso falar da concentração de terras no Brasil. Em 2016, os estabelecimentos rurais a partir de mil hectares (0,91%) concentravam 45% de toda a área de produção agrícola, de gado e plantação florestal. São as grandes propriedades. Já as pequenas propriedades, que produzem 70% dos alimentos consumidos no país, são 47% de todas as propriedades na zona rural e ocupam só 2,3% do território agrícola no país.

Esse padrão produtivo só pode ser extinto se houver a reforma agrária que acabe com o latifúndio e mude o modelo agrícola do país, produzindo primeiro para a alimentação do povo. A fome só vai acabar se tiver terra para produzir alimentos!

A efetivação da reforma agrária só vai ocorrer com a expropriação de empresas do agronegócio e dos latifúndios pela classe trabalhadora organizada e mobilizada.

REFORMA URBANA: TODO APOIO AOS MOVIMENTOS POR MORADIA! DESAPROPRIAR OS IMÓVEIS DESTINADOS A ESPECULAÇÃO

Em 2021, o Brasil possuía cerca de 33 milhões de pessoas sem moradia. Desse número, cerca de 24 milhões não possuem habitação adequada ou não têm onde morar, vivem nos grandes centros urbanos, em favelas ou cortiços. O déficit habitacional no Brasil é de quase 8 milhões de imóveis, quase o mesmo número de imóveis vazios, a maioria destinada à especulação imobiliária.

É preciso duas medidas imediatas visando solucionar esse problema. A primeira é a desapropriação dos imóveis que estão destinados à especulação imobiliária e a segunda é um plano de construção de imóveis destinados às famílias sem-teto. Toda a execução do plano deve estar sob controle dos trabalhadores e os

recursos para essas medidas viriam do não pagamento da dívida pública.

COMBATE AO DESEMPREGO: REDUZIR A JORNADA DE TRABALHO SEM REDUZIR O SALÁRIO

De acordo com os dados oficiais, no segundo trimestre de 2022, são mais 10,1 milhões de desempregados. Esses números não contam os trabalhadores precarizados, ou quem “faz bico” (muitos, cinicamente, chamados pelos grandes meios de comunicação, de “empreendedores”) ou quem já desistiu de procurar emprego, os chamados desalentados.

Propomos reduzir a jornada de trabalho sem redução do salário para todos/as terem direito ao emprego. No entanto, o governo e os patrões fazem o contrário: com a Reforma Trabalhista de 2017 e com o teletrabalho adotado em larga escala em função da pandemia da COVID-19, aumentaram a jornada de trabalho, a precarização do mesmo e pioraram a vida do trabalhador.

Reduzindo a jornada, pode gerar milhões de empregos.

ESTABILIDADE NO EMPREGO! EXPROPRIAÇÃO DA EMPRESA QUE DEMITIR

A estabilidade no emprego precisa acompanhar a redução da jornada de trabalho. Ninguém pode ser demitido! O lucro não pode estar acima da vida e dos direitos.

PROIBIR A REMESSA DE LUCROS E ROYALTIES

As multinacionais chegam aqui, exploram a classe trabalhadora, acumulam riqueza e enviam para as matrizes nos países de origem. Também há a entrada de dinheiro para atuar e lucrar nas bolsas de valores e com a dívida pública. Ganha-se aqui e faz-se a remessa dos lucros para o exterior, sem



pagamento de impostos. Essa é uma das formas de exploração que as burguesias imperialistas utilizam para saquear as riquezas produzidas nos países periféricos. Todos os anos são remetidos milhões de dólares ao exterior na forma de remessa de lucro.

TAXAÇÃO DAS GRANDES FORTUNAS E IMPOSTOS PROGRESSIVOS

Os governantes brasileiros sempre adotaram medidas para aumentar o patrimônio dos ricos retirando direitos dos trabalhadores e dos pobres. E os ricos pagam muito menos impostos no Brasil. Alguns bens, como helicóptero, lanchas, jatinhos nem pagam IPVA. Defendemos que ricos paguem mais impostos!

Com a taxaço das grandes fortunas é possível ter dinheiro para programas sociais e as necessidades da maioria da população. O Brasil, em 2021, tinha 206 bilionários, pessoas com um patrimônio superior a um bilhão de reais. Só essas pessoas, juntas, detinham um patrimônio superior a 1,2 trilhão de reais. Se regulamentado o artigo da Constituição Federal de 1988 que prevê a taxaço das grandes fortunas, poderá arrecadar-se anualmente R\$ 100 bilhões.

Também é necessário o imposto progressivo sobre imóveis, ou seja, as grandes propriedades precisam ser sobretaxadas e os imóveis populares e das periferias isentos de impostos.

POR UM PLANO ECONÔMICO DOS TRABALHADORES

Diante da retomada da inflação é preciso um congelamento dos preços sob controle dos trabalhadores. E para elevar o poder de compra dos trabalhadores, é preciso um aumento geral dos salários e um salário-mínimo do DIEESE (R\$ 6.527,67), o necessário para sustentar uma família de 4 pessoas.

➡ Nenhuma demissão, com a redução da jornada de trabalho sem redução dos salários!

➡ Revogação das reformas da previdência, trabalhista e da lei das

terceirizações!

➡ Com o dinheiro do não pagamento da dívida pública e a taxaço das grandes fortunas, realizar um plano de obras públicas com construção de hospitais, escolas, creches e meios de transporte coletivo. Assim teremos mais serviços públicos de qualidade e com acesso para todos, também poderemos criar milhões de empregos.

POR SERVIÇOS PÚBLICOS, GRATUITOS E DE QUALIDADE

➡ É preciso reverter o desmantelamento, precarização e privatização dos serviços públicos, em especial da Educação e da Saúde. Pelo investimento imediato dos 10% do PIB para a Educação Pública Já, com a estatização do ensino privado e sua transformação em Ensino Público, sob controle dos trabalhadores.

➡ Não à Reforma do Ensino Médio aprovada em 2017 e que está em regulamentação no governo Bolsonaro. Manutenção das Disciplinas de Sociologia e Filosofia nas escolas e universidades! Por Conselhos Universitários e Escolares soberanos e de luta com eleição direta!

➡ Não ao aumento da repressão dentro das escolas e universidades! Não ao "Escola Sem Partido"! Pela abertura das universidades e escolas às atividades das comunidades que as cercam!

➡ Fim do vestibular, com a expansão das vagas para todos! Enquanto isso não ocorra, cotas proporcionais para negros e indígenas e maioria das vagas para jovens das escolas públicas.

➡ Pela estatização dos hospitais privados e Planos de Saúde! Acesso universal à saúde! Fortalecimento do SUS e dos seus profissionais!

➡ Água é essencial à vida e deve ser um bem público. Pela construção de obras de captação de água. Reestatização Integral de todas companhias de água e saneamento que foram privatizadas. Combate à poluição ambiental para combater o desequilíbrio climático.

TRANSPORTE PÚBLICO E MOBILIDADE URBANA

O transporte urbano não pode ser meio de realização dos lucros tanto das grandes montadoras de veículos como das empresas de ônibus.

➡ Não ao aumento das passagens, redução das tarifas rumo à tarifa zero!

➡ Integração gratuita em todos os terminais! Passe livre para estudantes e desempregados!

➡ Pela estatização do sistema de transporte sob controle dos trabalhadores!

EM DEFESA DO SERVIÇO PÚBLICO, REDEFININDO O PAPEL DO FUNCIONALISMO PÚBLICO

O funcionalismo é considerado o grande vilão do Estado, ao passo que os verdadeiros culpados pela crise do serviço público se isentam. Nas eleições, os candidatos burgueses defendem a “meritocracia”, quando se vê o aumento das terceirizações e, por tabela, do produtivismo, com consequências cruéis para os direitos, os salários e as lutas.

Para resistir, o funcionalismo deve buscar a unidade entre si e com os demais trabalhadores com o objetivo de construir a resistência contra a privatização dos serviços públicos.

Pela estabilidade no emprego para todos! Efetivação dos terceirizados e temporários! Mais concursos públicos e valorização salarial para o funcionalismo!

CONTRA A POLÍTICA DE GUERRAS ÀS DROGAS

Essa política implementada pelo Estado brasileiro não visa acabar com o tráfico e sim abrir uma guerra aos pobres para beneficiar milicianos nas comunidades e

grandes traficantes. A legalização é um passo importante no combate aos narcotraficantes que controlam, aplicando o terror, regiões de grande consumo. Por tudo isso, defendemos a legalização das drogas.

Essa política – que já provou a sua ineficácia- também é a base da violência policial contra a juventude da periferia, pois priorizam o combate ao consumo e ao pequeno tráfico e principalmente aos pobres.

DIREITO AO ABORTO LEGAL E SEGURO EM REDE PÚBLICA! CONTRA A LGBTFOBIA! NÃO AO FEMINICÍDIO E AO ASSASSINATO DE NEGROS E INDÍGENAS

Diante do crescimento do fundamentalismo religioso e do mercado da fé, mais do que nunca é necessário o acesso à educação sexual e métodos contraceptivos. As escolas também precisam tratar desses temas ajudando a diminuir a gravidez indesejada de adolescentes e a violência sexual. O direito ao aborto seguro, público e gratuito, importante medida para salvar as vidas de mulheres que morrem em abortos clandestinos.

Frente ao aumento do feminicídio, é preciso a aplicação implacável da Lei Maria da Penha e a existência de casas-abrigo e assistência de fato às mulheres vítimas da violência machista.

Somado a isso tudo, com o aumento da LGBTfobia, é preciso defender o direito à liberdade, à sexualidade e à identidade de gênero, e também ao próprio corpo de gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros etc.

Com o quadro do crescimento de exposição de casos explícitos de racismo e do genocídio do povo negro nas periferias, várias medidas são necessárias, como o racismo ser crime inafiançável. Esta luta se soma à defesa de cotas proporcionais nas universidades públicas, escolas técnicas, concursos públicos e demais empregos e programas sociais.

Pela demarcação das reservas indígenas e de quilombolas, ameaçadas pelo agronegócio, madeireiros e mineradoras.

A NECESSIDADE DE UMA ALTERNATIVA DE ESQUERDA ANTICAPITALISTA

Neste sentido, nesta complicada conjuntura, é necessário que as organizações da esquerda anticapitalista e do movimento social que não capitularam à Frente Ampla (como as candidaturas do PSTU, do PCB e da UP) apresentem um programa para mostrar para a classe trabalhadora que existe saída por fora das propostas burguesas.

Propostas que busquem mobilizar os trabalhadores e impor pela luta, medidas que resolvam de fato os problemas gerados pela crise econômica capitalista. As propostas dos partidos e candidatos burgueses só vão fazer a situação da classe trabalhadora e do povo piorar e, como tudo nessa sociedade, aos pobres está reservado só miséria e exploração. Por isso, precisamos construir nossa luta e só confiar em nossas forças.

Por essas razões nós defendemos uma única candidatura da esquerda anticapitalista (PSTU, PCB e UP), mas, infelizmente terminaram priorizando sua construção no lugar de um movimento de luta e de esquerda. Isso facilitaria o diálogo com a classe trabalhadora. Diante dessa situação, **a nossa posição no primeiro turno é o chamado ao voto em uma das candidaturas desses partidos, mantendo assim a independência de classe.**

A maioria das correntes reformistas faz campanha para Lula com o argumento de que é necessário derrotar Bolsonaro e por isso vale qualquer sacrifício. Estamos de pleno acordo da necessidade de nos livrar de Bolsonaro por tudo que ele representa, mas Lula não é garantia, primeiro que muitos de seus aliados eram apoiadores de Bolsonaro até há pouco tempo, segundo porque há uma consciência social mais ampla que serve de base para o bolsonarismo e isso não se derrota pelas eleições. Outro elemento importante é que essa luta contra Bolsonaro deve estar conectada à luta e organização de massas pelas reivindicações econômicas e sociais contra a crise econômica.



O PT É UMA ESTRELA QUE PERDEU A LUZ

O PT foi fundado em 1980 e foi um dos agentes do movimento pela redemocratização brasileira e Lula foi um articulador fundamental que tinha iniciado sua trajetória política no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC durante a Ditadura Militar. Ganhou relevância por liderar greves operárias importantes.

Contando dessa maneira, nem parece que a história do partido e do considerado “maior líder da esquerda” do país também trazem traição aos ideais da classe trabalhadora.

LULA LÁ: MAIS QUE NEGOCIAÇÕES E FRENTE AMPLAS

Inicialmente, Lula defendeu a criação de um partido que dialogasse com o povo, com os vários setores da sociedade e que fosse uma alternativa à esquerda tradicional representada, até então, pelo PCB, de viés stalinista e em constantes alianças com setores da burguesia nacional.

Com influência da Teologia da Libertação, militantes do PT participaram de lutas, como pela Reforma Agrária enfrentando o latifúndio, pelas Diretas Já!, greves gerais contra os planos econômicos de Sarney, nas lutas sindicais e por moradia, entre tantas outras.

A campanha de Lula em 1989 tinha um programa muito progressista, como o “não pagamento da dívida externa e contra o FMI” e contava com a simpatia de milhares de militantes e ativistas pelo país, mas no segundo turno, Lula e PT dão uma guinada e buscam apoio do PSDB de Mário Covas, PDT de Brizola e do PCB, do nada comunista Roberto Freire.

MAIS CONCILIAÇÃO E NÃO É COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS

O PT, que esteve na presidência em quatro mandatos, representa também as derrotas da classe trabalhadora no Brasil. A década de 90 é um período de retrocesso brutal imposto pelo avanço do neoliberalismo, retirada de direitos, desemprego, etc.

De um partido classista e de luta, passou a ser um gestor do capital. Seus governos focaram em políticas públicas, como Cotas par acesso às

universidades, Bolsa Família, FIES, Minha Casa Minha Vida, etc. que atendiam uma parcela da população mais pobre, mas ao mesmo tempo, ofereciam grandes vantagens aos empresários com recursos públicos.

Evidente que não somos contra os programas sociais, pelo contrário, defendemos que precisam avançar, mas no caso brasileiro, os gastos representavam uma pequena parcela do PIB, ou seja, eram migalhas que caíam das mesas dos milionários.

Os governos do PT também cooptaram uma parte dos movimentos sociais e muitas lideranças abandonaram lutas populares importantes para nossa classe. Aos movimentos sociais de oposição de esquerda foram reprimidos como em 2014 durante a Copa do Mundo no Brasil.

A desarticulação dos movimentos sociais deixou um campo aberto para a direita se organizar no país e facilitou a eleição de Bolsonaro e todos sabemos as consequências.

Durante esses anos de governo Bolsonaro, as direções do movimento influenciadas pelo PT em nenhum momento impulsionou a mobilização para tirar Bolsonaro, pois interessava que ele chegasse desgastado para disputar a reeleição.

São com base nesses elementos (e muitos outros...) que caracterizamos o PT como um partido burguês, isto é, exerce uma governança a serviço da burguesia.

O PESO DOS PARTIDOS DE DIREITA NA FRENTE AMPLA LULA-ALCKMIN

Com o discurso de enfrentamento ao fascismo, nessas eleições o PT aposta suas fichas numa Frente Ampla que reúne Alckmin, ex-PSDB (envolvido em escândalos de corrupção e com dura repressão aos movimentos de luta), Renan Calheiros, família Sarney, os Maias no RJ, entre outras figuras tradicionais da direita brasileira.

É uma composição neoliberal e com um programa que não mexe no lucro dos bancos, no agronegócio e nem nos privilégios dos ricos.

Esse arco de alianças inclui também partidos e políticos que apoiaram



Bolsonaro em 2018, dando mostras de que um eventual novo governo Lula terá em sua base de sustentação as velhas raposas que sempre atacaram os direitos da classe trabalhadora.

A Frente Ampla acena para a manutenção da superexploração sobre a classe trabalhadora, ainda que acompanhada de algumas medidas mínimas em favor da classe trabalhadora e que não alterarão a situação geral de pobreza estrutural no país.

MÃOS DADAS COM ANTIGOS OPOSITORES

Para costurar esses acordos, o PT e Lula até abandonaram o discurso de que sofreram um golpe em 2016. Hoje, procuram os mesmos articuladores do impeachment para comporem a Frente Ampla.

Entre o empresariado a resistência a Lula é cada vez menor. Já são várias conversas com o mercado financeiro e industriais ligados à FIESP e Lula declarou que quer sentar com o agronegócio “mais raivoso”, segundo ele, o seu governo foi muito melhor para o setor, pois em 2009, liberou mais de 70 bilhões de reais para rolagem da dívida do setor.

Sabemos quais são os interesses contra a classe trabalhadora e que, se não tomarmos as ruas, amargaremos mais derrotas como foram as Reformas trabalhista, previdenciária e do Ensino Médio, etc.

SE ORGANIZAR PARA A LUTA INDEPENDENTE DE QUEM SEJA ELEITO

A tendência é o aprofundamento da crise econômica e social, com manutenção de altas taxas de desemprego, inflação alta, violência contra o povo, entre outros problemas.

Diante de tantos problemas é urgente buscar a organização de base para enfrentar o próximo governo e defender as nossas reivindicações. Confiemos em nossas forças, pois só a luta poderá garantir conquistas.

CRISE SOCIAL E LUTAS NA AMÉRICA LATINA

Muita coisa tem acontecido na América Latina. O **Panamá** foi palco de uma Greve Geral que parou o país, além de uma série de protestos e bloqueios de estradas, tendo à frente os sindicatos dos professores e dos cargueiros.

As passeatas massivas lutavam contra a inflação, que acarretou o aumento do combustível e dos alimentos. Só para se ter uma ideia, o galão de gasolina teve alta de 47% no primeiro semestre, chegando a US\$5,17. Com as manifestações pressionando, o presidente Laurentino Cortizo prometeu uma estabilidade no valor de US\$3,95, acima da pauta de lutas (US\$3), além de congelar preços de diversos produtos da cesta básica.

O governo alega que a guerra na Ucrânia, acelera o aumento dos preços, mesmo que compra de petróleo seja do Texas nos EUA, pois diz que a alta faz o mercado ficar mais competitivo, porém se mantém fiel ao projeto imperialista dos EUA e se nega a comprar o produto da Venezuela, para manter a relação com os estadunidenses, à custa das necessidades do povo. As mobilizações foram impulsionadas pela Aliança Povos Unidos e a Aliança Nacional pelo Direito dos Povos Organizados (ANADEPO), que reúnem diversos sindicatos. Já apresentam mais de 32 pedidos ao Executivo e estão à frente na mesa de negociação.

Outra nação que está sofrendo com a crise é a **Argentina**. A taxa de juros no mês de junho foi de 5,3%, chegando a um acumulado de 64% em um ano. No mesmo mês, o banco central argentino elevou a taxa básica em 52% para tentar frear o aumento recorde e generalizado dos preços dos produtos, que já são o maior valor em 30 anos. O dólar também apresentou uma alta em relação ao peso, logo após a saída do ex-ministro da Economia, Martín Guzmán.



Enquanto o presidente Alberto Fernández e os capitalistas tentam administrar a crise para manter seus lucros, o povo argentino está cada vez mais pobre e lutando contra o estado calamitoso que o país sofre. Em julho de 2022 vários manifestantes saíram às ruas reivindicando um salário universal para os mais vulneráveis e aumento do salário-mínimo dos aposentados.

Como desgraça pouca é bobagem, apesar de algumas lutas, a classe trabalhadora na Argentina ainda enfrenta um desafio já bem conhecido no Brasil: o crescimento da extrema-direita. Nas PASO (Elecciones Primarias, Abierta y Obligatorias) em 2021, nas quais se definem quais partidos estão habilitados para se apresentar nas eleições nacionais e nas respectivas listas de candidatos, a Libertad Avanza, liderada por Javier Milei obteve 13,6% em Buenos Aires, um feito histórico, ficando em terceiro lugar e com um crescimento inédito. Milei é economista e adepto das ideias da chamada escola austríaca do neoliberalismo e “anarco capitalismo”, sendo uma figura polêmica e ultrarreacionária que defende pautas conservadoras e contra os trabalhadores, tendo bastante atuação nas mídias sociais e parceria com Eduardo Bolsonaro.

Além da intensa crise social que a classe trabalhadora vive ao redor do mundo, mantém a necessidade de enfrentar a extrema-direita que se apresenta como uma alternativa aos trabalhadores e leva a mais ataques aos nossos direitos, como vemos no Brasil com as Reforma Trabalhista e da Previdência, por isso é importante usar o exemplo da Grã-Bretanha e Panamá e construir lutas nas ruas em defesa dos nossos empregos e contra a alta dos preços.

É TEM LUTA NA INGLATERRA

Ferrovários abrem caminho de luta no Reino Unido com greve: “É uma guerra de classes!” A frase acima, citada pelo jornal inglês Sun, traz uma verdade rara na mídia burguesa, a forte greve dos trabalhadores ferroviários no país retoma o acirramento da luta de classes.

Tendo como ponto comum, a alta dos combustíveis (reflexo da guerra Rússia e Ucrânia), a consequente alta dos preços e os baixos reajustes salariais, as greves sacudiram o poderoso Reino Unido (tanto quanto a queda do primeiro ministro Boris Johnson); o país teve uma inflação recorde de 9,4%, a maior em 40 anos! Nessa conjuntura, os sindicatos RMT e TSSA conseguiram mobilizar mais de 40.000 membros que parou o país. Depois, outro sindicato, ASLEF, também paralisou outro setor ferroviário com cerca de 5.000 maquinistas de braços cruzados, atingindo um quarto da rede ferroviária do Reino Unido.

Para se ter uma ideia, em um dos pontos de mobilização, em East Coast Mainline, os grevistas esperavam uma adesão à paralisação de 20% dos trabalhadores, alcançaram 70%! A luta é pela defesa dos empregos e por reajuste salarial.

A crise estrutural do capital atinge todos os locais de trabalho e a pobreza tem aumentado entre a classe trabalhadora. Tal fato mostra que mesmo com o empenho dos grandes capitalistas em desmobilizar os grevistas no país, a grande maioria da população apoia a mobilização e culpabiliza o governo pela situação, visto a crise econômica que o país passa.

Ainda não foi definido se os ferroviários conseguiram conquistar sua pauta de exigências, mas já articularam novas paralisações, a mais recente no sábado, 13 de agosto. Além disso, outros sindicatos do país, como professores, setor de serviços de entrega, serviço público e na indústria de telecomunicações também já anunciaram assembleias e mobilizações pelo país. Viva a luta dos ferroviários na Grã-Bretanha!